



Evaristo de Miranda

Engenheiro Agrônomo, tem mestrado e doutorado em ecologia pela Universidade de Montpellier (França). Com centenas de trabalhos publicados no Brasil e exterior, é autor de 45 livros, incluindo Tons de Verde (português, inglês e chinês). Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária desde 1980, participou e coordenou mais de 40 projetos de pesquisa e implantou e dirigiu três centros nacionais de pesquisa. Atualmente é chefe geral da Embrapa Territorial, em Campinas, SP.

Mais bois, menos pasto e muito mais carne

Em 2021, o Brasil contava com um rebanho bovino de 224,6 milhões de cabeças, um crescimento de 3,1% com relação a 2020. Os dados, referentes a 2021, fazem parte da Pesquisa da Pecuária Municipal e foram divulgados recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É o maior valor de rebanho bovino registrado na série histórica do IBGE. Ele supera o recorde anterior de 218,2 milhões de cabeças em 2016.

Entre 2020 e 2021, houve retenção de fêmeas pelos pecuaristas para a produção de bezerras. Impactos dos lockdowns da pandemia na renda, aumento de preços na carne bovina para o consumidor e de boicote temporário da China à carne brasileira, entre outros fatores, levaram à queda no abate de bovinos, devido à falta de animais prontos para o corte. Os dados do IBGE e os estudos da Athenagro demonstram o mais relevante da pecuária nacional: em 32 anos, o rebanho aumentou 12,8%, enquanto a produção de carne cresceu de forma impressionante: 108,4%.

Há décadas, o país assiste a uma redução constante na área de pastagens com aumento do rebanho. Isso é a indicação clara do ganho de produtividade nas pastagens: pastos mais produtivos, resistentes à seca e cigarrinhas e com maior qualidade nutricional. E os ganhos também ocorrem nos sistemas de manejo e criação com o uso de tecnologias modernas: genética de qualidade, boa saúde animal, conforto animal, complementação nutricional etc.

Além dos ganhos em produtividade, o gado bovino explora, em muitas regiões, áreas inaptas à agricultura devido à topografia, aos tipos de solos e ao clima. E nessas áreas marginais, onde não se pode produzir grãos ou cana de açúcar, os ruminantes fazem o milagre de transformar capim em leite e carne, proteínas nobres. O gado fica pronto para o abate em tempo cada vez menor.

O rebanho brasileiro de vacas também produz leite. A pesquisa do IBGE estimou em 35,3 bilhões de litros a produção em 2021. E a produção vem crescendo no Nordeste (12,8%) chegando a 5,5 bilhões de litros de leite.

Pode-se comparar essa produção de alimento nobre com a de etanol combustível, alimento x energia. Em 2021, a produção de etanol foi de aproximadamente de 27 bilhões, sendo 11 bilhões de litros de etanol anidro, sem adição de água e incorporado à gasolina comum, e 16 bilhões de etanol hidratado, com 8% de água e usado diretamente em carros de motor híbridos e flex.

Ou seja, 35 bilhões de litros de leite contra 27 bilhões de etanol. Quais as conclusões sobre o passado, o presente e o futuro de um país cuja produção de litros de leite é muito maior do que a de litros de álcool?